

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO ATENDIMENTO À PESSOA COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA

NURSE'S ROLE IN CARING FOR INDIVIDUALS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

ACTUACIÓN DEL ENFERMERO EN LA ATENCIÓN A PERSONAS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA

Emyllys Kelly Cordeiro dos Santos¹

Gisa Paula Souza Pinheiro²

Thaysa Maria Vieira Justino³

Rillary Amaral Camelo Calheiros⁴

Kalliny Mirella Gonçalves Barbosa⁵

RESUMO: O significativo aumento da incidência de casos de autismo no Brasil repercute em discussões sobre os desafios e fragilidades do enfermeiro de atenção básica ao atendimento do paciente com transtorno do espectro autista. O presente estudo possui delineamento qualitativo e foi realizado com os enfermeiros da atenção primária à saúde. A coleta dos dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas e o conteúdo coletado foi analisado de acordo com a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. Houve aceitação e colaboração dos participantes com a temática em estudo, deixando às margens as considerações do senso comum e priorizando a visibilidade aos reais processos que refletem na realidade dos enfermeiros na atenção básica. Nesse contexto, a falta de conhecimento gera barreiras e limitações prejudicando a qualidade da assistência do enfermeiro ao paciente com TEA, refletindo em atraso no rastreamento de sinais sugestivos do transtorno do espectro autista. Desse modo, a relevância desta pesquisa está pautada na necessidade constante estudos que apresentem a magnitude da temática e reforcem a necessidade de atividades que incentivem a educação permanente nos serviços de saúde.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista; atenção primária à saúde; enfermagem; saúde pública.

ABSTRACT: The significant increase in the incidence of autism cases in Brazil has repercussions on the discussion about the challenges and weaknesses of primary care nurses in caring for patients with autism spectrum disorders. The present study has a qualitative design and was carried out with primary health care nurses. Data collection was carried out through semi-structured interviews and the collected content was analyzed according to the Collective Subject Discourse technique. Participants collaborated with the topic under study, leaving common sense considerations on the margins and prioritizing visibility to real processes that reflect the reality of nurses in primary care. In this context, the lack of

¹ ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5702-8303>. E-mail: emyllyskelly698@gmail.com

² ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8126-6447>. E-mail: gpaula18@gmail.com

³ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5018-4130>. E-mail: vieira.thaysam@gmail.com

⁴ ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7540-3287>. E-mail: rillary.calheiros@gmail.com

⁵ Contato principal para correspondência editorial. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9074-9546>. E-mail: kamirely64@gmail.com.

knowledge generates barriers and limitations, compromising the quality of nursing care for patients with ASD, resulting in delays in screening for signs suggestive of autism spectrum disorder. Therefore, the relevance of this research is based on the constant need for studies that present the magnitude of the theme and reinforce the need for activities that encourage continuing education in health services.

Keywords: autism spectrum disorder; primary health care; nursing; public health.

RESUMEN: El aumento significativo de los casos de autismo en Brasil ha generado debates sobre los desafíos y debilidades que enfrentan los enfermeros de atención primaria en el cuidado de pacientes con trastorno del espectro autista (TEA). Este estudio tiene un diseño cualitativo y se llevó a cabo con enfermeros de atención primaria de salud. La recolección de datos se realizó mediante entrevistas semiestructuradas y el contenido recogido fue analizado según la técnica del Discurso del Sujeto Colectivo. Los participantes mostraron aceptación y colaboración con el tema estudiado, dejando de lado las consideraciones del sentido común y priorizando la visibilidad de los procesos reales que reflejan la realidad de los enfermeros en la atención primaria. En este contexto, la falta de conocimiento genera barreras y limitaciones que perjudican la calidad de la atención que brinda el enfermero a los pacientes con TEA, lo que retrasa el rastreo de signos sugerentes del trastorno del espectro autista. De este modo, la relevancia de esta investigación radica en la necesidad constante de estudios que resalten la magnitud del tema y refuercen la importancia de actividades que fomenten la educación permanente en los servicios de salud.

Palabras clave: trastorno del espectro autista; atención primaria de salud; enfermería; salud pública.

INTRODUÇÃO

O termo 'autismo' foi introduzido em 1908 pelo psiquiatra Eugen Bleuler para descrever o isolamento social observado em pacientes com esquizofrenia, sendo inicialmente considerado um sintoma dessa condição. Neste contexto, somente a partir de 2013, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi considerado um distúrbio. Este, por sua vez, caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação verbal/social que compromete o desenvolvimento, comportamento e a interação social em múltiplos contextos, apresentando padrões comportamentais repetitivos e estereotipados, além de preferências bastantes restritas para gostos e ocupações (Almeida & Neves, 2020; Campos et al., 2021; Cabral, Falcke & Marin, 2021).

Coadunado a isso, indivíduos com TEA possuem expressividade variável, caracterizando-se pela dificuldade e prejuízos qualitativos da comunicação verbal e não verbal, na interatividade social e na restrição do seu ciclo de atividades e interesses. Além disso, é uma situação que desencadeia alterações na rotina familiar devido às necessidades de acompanhamento da criança para seu desenvolvimento (Ney & Hubner, 2022).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), têm-se como dado estatístico que 1 a cada 160 crianças no mundo possuem TEA, enquanto há o aumento de aproximadamente

0,1% de casos de TEA no mundo por década (Opas, 2018). Neste mesmo viés, evidencia-se a importância epidemiológica do transtorno, uma vez que, através de estudos realizados no Brasil, a prevalência média de casos de TEA entre os escolares apresentou-se em 46.94/10.000 destes. Além disso, evidencia-se que, na literatura existente, o autismo é mais identificado na infância, uma vez que, na maioria dos casos, os primeiros sinais de atraso de desenvolvimento surgem durante a primeira infância (Ribeiro, 2022).

Neste contexto, reconhecendo a importância e a prevalência do diagnóstico precoce, ainda na infância, há a necessidade de que os profissionais de saúde atuantes na Atenção Primária à Saúde (APS) estejam aptos a identificarem os primeiros sinais característicos do TEA, uma vez que a APS consolida-se como a porta de entrada do usuário no Sistema Único de Saúde (SUS), correspondendo ao primeiro nível para o cuidado contínuo (Costa, Costa, Souza & Jurema, 2022).

Coadunado a isso, uma das atribuições do enfermeiro atuante na APS, descrita na Política Nacional da Atenção Básica (PNAB), é a realização do acolhimento através da escuta qualificada. Entretanto, para que haja efetividade da escuta qualificada no contexto do paciente com TEA, é necessário que o profissional esteja qualificado para lidar com as necessidades individuais de forma holística deste paciente (Brasil, 2017).

Neste contexto, a Enfermagem assiste para além da contribuição para o diagnóstico precoce do TEA, que pode ser avaliado através das consultas de puericultura - e que visam acompanhar o desenvolvimento neuromotor e psicossocial do indivíduo -, contribuindo também para uma melhora da qualidade de vida de pacientes com diagnóstico de TEA, através de intervenções que visem: diminuir o sofrimento que pode ser acarretado pelo transtorno; a realização de atendimentos aos familiares; a aceitação do diagnóstico, que acarreta em uma mudança do estilo de vida da família e de todo o ambiente familiar (Brasil, 2012; Cofen, 2021).

Posto isto, ressalta-se que as discussões com essa temática são limitadas, inclusive durante a formação acadêmica, suscitando na construção dessa pesquisa com o seguinte questionamento: como é organizado o atendimento de enfermagem à pessoa com TEA?. Para tanto, objetivou-se compreender a atuação e as percepções do enfermeiro sobre o atendimento à pessoa com TEA na Atenção Primária à Saúde.

MÉTODO

A pesquisa adota um delineamento qualitativo, caracterizado por abordar as particularidades de uma questão específica, explorando um nível de realidade que não pode ser quantificado. Esse método busca compreender profundamente o objeto de estudo, privilegiando a lógica da compreensão e a tentativa de empatia, colocando-se na perspectiva do outro. Nesse contexto, são analisados aspectos como motivos, crenças e valores, embora se reconheça que tal entendimento nunca será completo, devido às contradições inerentes ao pesquisador e ao pesquisado. Dessa forma, é evidente que a interação entre pesquisador e grupo pesquisado exige uma metodologia pautada pela imparcialidade e objetividade, de modo a minimizar possíveis vieses e garantir a validade do estudo (Minayo, 2011; Minayo, 2012).

O estudo foi desenvolvido em duas Unidades Básicas de Saúde (UBS), localizadas em dois municípios historicamente interligados, Petrolina-PE e Juazeiro-BA, que estão situados no submédio do Vale do São Francisco. Destaca-se que a seleção dos participantes se deu por critério de conveniência e a entrevista foi realizada nos dias e horários sugeridos pelos participantes.

As entrevistas ocorreram em salas previamente reservadas, a partir do contato e pactuação entre as pesquisadoras e os participantes, objetivando garantir sigilo e confidencialidade das informações compartilhadas durante a entrevista. Além disso, é válido frisar que as entrevistas só se iniciaram após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos participantes.

A população da pesquisa foi composta por enfermeiros da APS dos municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA. Foram recrutados o quantitativo de oito (8) enfermeiros para a realização do estudo, no entanto, um deles não se enquadrava nos critérios de inclusão da pesquisa. Cabe destacar que para participar foram considerados como critérios de inclusão enfermeiros que atuam na APS com vivência em atendimento a pacientes com TEA, ao passo que foram excluídos os enfermeiros que possuíam dificuldade de comunicação, fator este que impedia o contato com as pesquisadoras, comprometendo os resultados.

Assim, os dados foram coletados durante os meses de Outubro e Novembro de 2023 através de uma entrevista orientada por um roteiro semi estruturado e dividido em dois blocos. O primeiro bloco de questões estava relacionado a informações sobre o perfil social do enfermeiro – idade, cor/ raça, estado civil, trabalho, tempo de formação e atuação na APS, frequência de atendimento de pacientes com TEA e de atividades de educação continuada em

saúde -; e as percepções dos enfermeiros sobre o atendimento ao paciente com TEA na APS. No que concerne às questões disparadoras, os participantes responderam sobre: “qual o seu entendimento acerca do Transtorno do Espectro Autista?” e “o que te auxilia durante o atendimento aos pacientes com autismo?”.

O conteúdo coletado foi categorizado sob a óptica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), este consiste em uma técnica de pesquisa qualitativa que realiza a tabulação de depoimentos verbais coletados nas entrevistas, baseados no roteiro da pesquisa. A metodologia do DSC ancora o seu diferencial no que tange ao agrupamento de categorias, uma vez que visa associar os conteúdos de opiniões de sentidos semelhantes presentes em diferentes depoimentos, de modo a formar, a partir do agrupamento de tais conteúdos, um depoimento síntese, redigido na primeira pessoa do singular, que visa atribuir sentido a um discurso - pautado na coletividade - que se expressa na personificação de um único indivíduo (Lefèvre et al., 2002; Lefevre & Lefevre, 2014).

Ressalta-se que os entrevistados foram identificados por nomes de personagens do desenho “Ursinho Pooh” pelo contexto e perspectivas que representam no que tange a saúde mental: Ursinho Pooh, Tigrão, Leitão, Guru, Corujão, Abel e Bisonho. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) do Hospital Universitário da Universidade Federal do Vale do São Francisco (HU-Univasf), sob CAAE nº 71782823.1.0000.0282.

RESULTADOS

O Sujeito Coletivo foi composto por sete (7) enfermeiros(as) que trabalham na APS, autodeclarados(a) brancos(as) (n=2) e pardos(as) (n=5) e com idade entre 28 e 48 anos. Em relação ao estado civil, participaram da pesquisa solteiros(as) (n=2), casados(a) (n=2), em união estável (n=2) e divorciado(a) (n=1). No que tange ao tempo de formação, mais da metade dos profissionais possuíam mais de 10 anos de formados, enquanto a outra metade possuía entre 3 e 5 anos.

Ao que se refere ao contato com a temática do TEA na graduação, os sete (7) enfermeiros negaram ter tido qualquer contato, sendo que seis (6) buscaram sobre essa temática de forma isolada em razão das necessidades e demandas que emergiram durante a atuação enquanto profissional de saúde.

No que tange a rotina de trabalho direcionada aos pacientes com TEA, a maioria (n=5) dos enfermeiros refere atender, em média, de 0-2 pacientes com TEA por semana, enquanto

os demais (n=2) referem atender de 3-5 e 6-9, respectivamente, em suas rotinas semanais na UBS. No que se refere ao grau de dificuldade durante a realização do atendimento aos pacientes com TEA, foram elencados os seguintes tópicos: Leve, consigo lidar com as dificuldades em comunicação e comportamento (n=2); Razoável, tenho pouca dificuldade com a diversidade (n=2); Elevado, tenho muita dificuldade na comunicação e contato (n=3).

Dessarte, no que tange a realização de atividades de capacitação referentes ao TEA na APS, 71,4% (n=5) relataram não realizar nenhum tipo de capacitação, enquanto 28,6% (n=2) relataram realizar de 1-3 encontros semestrais. Ressalta-se que não houve relevância entre os profissionais que atendem uma frequência maior de pacientes com TEA por semana com o grau de dificuldade no atendimento e a realização de atividades de capacitação referentes ao tema na APS.

A partir dos discursos correspondentes às perguntas norteadoras: “qual o seu entendimento acerca do Transtorno do Espectro Autista?” e “o que te ajuda no atendimento dos pacientes com TEA?”, emergiram as Ideias Centrais (IC): “formação e qualificação de enfermeiros para o atendimento ao paciente com Transtorno do Espectro Autista” e “desafios para o atendimento ao paciente com autismo na Atenção Primária à Saúde”.

Diante disso, pela síntese qualitativa da IC “formação e qualificação de enfermeiros para o atendimento ao paciente com TEA” apresenta-se o seguinte DSC:

É um dos temas mais abordados atualmente, né, muito, muito, muito, porque antigamente não tinha essa abordagem. E na capacitação foi mostrado uma escala que tem e aí depois da escala, ficou bem interessante, também teve um caso clínico, né? Aí eu pude associar. Agora, depois do curso, eu não tive ainda contato. Mas aí depois que eu li sobre o tema, acho que hoje eu tô um pouco mais preparado, sabe? Até porque é também uma área que a gente pode estar conhecendo mais e também introduzindo no nosso currículo, tendo em vista que viralizou essa questão do autismo, mas no tempo da faculdade não tenho lembrança da gente ter visto. Por isso, para mim, eu vejo que, na minha visão como enfermeira, ainda precisaria de muito, muito mais capacitação para conseguir abordar esse público porque é uma temática muito específica e que a gente tem que conversar situações com a mãe. Então, situação tal, o que orientar? O que fazer? E conseguir abarcar tudo isso é uma demanda de conhecimento de saberes muito grande, que envolve muita coisa. (DSC: Leitão, Ursinho Pooh, Guru, Corujão).

Nesta ideia central, percebe-se, por diferentes matizes, que a qualificação profissional e o sujeito coletivo em meio a precariedade de capacitações repercute diretamente na qualidade do acolhimento e atendimento, tendo em vista que se trata de um público específico, com atrasos e estereotípias que dificultam o acompanhamento, a consulta e a intervenção. Sendo assim, é notório que a falta de capacitação repercute negativamente no

atendimento ao paciente com TEA, tendo em vista que tal situação causa limitações que, direta ou indiretamente, recaem sobre a qualidade do serviço proposto aos usuários, conforme enfatizado na IC “desafios para o atendimento ao paciente com TEA na Atenção Primária à Saúde” que compõe o DSC:

É uma falha não termos capacitações, como a gente, na atenção básica, é a porta de entrada de tudo, então a gente também tem que estar preparado pra atender, pra saber tudo direitinho, então, é muito importante, mas eu mesma, se teve, eu desconheço. Pode até ter tido, mas eu não participei. Quando eles vêm, a gente tem que ter esse preparo para poder acolher, digamos assim, e fazer o acompanhamento também, à medida que começa a chegar a demanda, como a gente está tendo crianças, puericultura, crianças maiores. Então, quando aumenta essa demanda, você tem que procurar, estudar, para poder abordar esse tema melhor. Tem que ir aprendendo a lidar, saber as características. Então, acredito que a dificuldade vai ser com qualquer profissional. É um tema que está sendo trabalhado mais hoje, mas ainda não teve um treinamento com as equipes de como está atendendo, de como está acolhendo esses pacientes na unidade, falta isso também. Aí você teria que ter uma equipe multidisciplinar para poder estar atendendo essa criança, né?! (DSC: Bisonho, Abel, Tigrão).

Apresenta-se, neste discurso, os efeitos decorrentes dos desafios para o atendimento ao paciente com TEA na APS, em razão das limitações associadas ao despreparo profissional e às dificuldades atreladas ao acompanhamento multidisciplinar do usuário. Percebe-se que os profissionais reconhecem a importância de abordagens sobre a temática e, inclusive, relatam buscar informações de forma isolada devido ao aparecimento crescente de pacientes com autismo na unidade de saúde. Nessa perspectiva, emergem sentimentos relacionados à insegurança diante da atuação do enfermeiro no atendimento ao paciente com TEA, conforme a IC “experiências de enfermeiros na APS” que compôs o DSC:

À medida que eu comecei na atenção básica começaram a surgir casos isolados e eu precisava entender com o que eu estava lidando. É aquela questão, você faz o acompanhamento, aquele mais geral e faz os encaminhamentos. Pra mim, aqui, é muito complicado, porque a gente não tem o suporte que tem que ter, porque do jeito que tá aumentando mais e mais casos, a gente tem que ter. Eu estou há 6 anos neste posto, atendendo crianças toda semana e eu observo esse aumento de casos e vejo minha atuação limitada. Eu acredito que se você tem um fluxo maior, uma certa demanda de atendimento, principalmente para quem não é capacitado, tem uma certa dificuldade. Eu me sinto restrita, limitada, acho que a palavra é restrição mesmo, considerando o meu conhecimento, eu vejo que eu faço ali o básico mesmo, que é fornecer a avaliação da escala e encaminhamento. Às vezes a gente quer fazer mais, mas não tem essa abordagem de tanto conhecimento, quanto de tempo, de iniciativa da gestão, de estímulo, acho que é pouco ainda para esses pacientes. Na verdade, aqui na APS se limita mais ao rastreio. Rastreio e aquele cuidado ali inicial, da mãe e da criança, aos fatores simples que a gente pode estar orientando fazendo com que a mãe

aceite e entenda que ela não tem culpa de que a criança dela tenha esse acompanhamento (DSC: Guru, Abel, Corujão).

Observa-se que, à medida que a demanda aumenta, o sujeito coletivo sem acesso à capacitação apresenta maior dificuldade. A falta de suporte gera limitação e o atendimento fica restrito ao básico. Portanto, a inexperiência e os poucos momentos de qualificação destinados aos profissionais de saúde, sobretudo aos enfermeiros, afetam multiplamente a atuação na APS e o seguimento do atendimento aos pacientes com TEA pelo despreparo e falta de informações que limitam o cuidado, denunciando a necessidade maior de encontros destinados a qualificação dos profissionais para atender os pacientes com TEA sob o olhar acolhedor, holístico e humanizado.

DISCUSSÃO

A presente pesquisa teve por objetivo compreender a atuação e as percepções de enfermeiros sobre o atendimento ao paciente com TEA na APS. Não obstante, ressalta-se que o atendimento à pessoa com TEA exige do enfermeiro uma carga prévia de conhecimento, a fim de desenvolver habilidades e estratégias para ofertar um cuidado individualizado que atenda as necessidades e acolha esse paciente e sua família (Magalhães, Lima, Rodrigues & Gomes, 2020).

Nesta perspectiva, ressalta-se o papel do enfermeiro da APS no rastreamento precoce de atrasos no desenvolvimento infantil que podem ser sugestivos de TEA, uma vez que a APS funciona como porta de entrada preferencial do SUS. Neste viés, o nível primário de atenção à saúde atua estabelecendo comunicação direta com os demais pontos da Rede de Atenção à Saúde (RAS), prezando pelos princípios da universalidade, acessibilidade, continuidade do cuidado, integralidade da atenção, responsabilização, humanização e da equidade (Brasil, 2021; Ferreira et al., 2023).

Ademais, na APS, as equipes de Estratégia de Saúde da Família (eESF) devem garantir o acompanhamento da população adscrita em todas as fases da vida. Assim, as eESF têm papel fundamental na garantia da atenção integral às crianças e adolescentes, conforme preconizado pela Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC), atuando como engrenagem central da Rede Cegonha e Linha de Atenção à Saúde da Criança e do Adolescente (Brasil, 2015; Ferreira Júnior et al., 2023).

Ademais, no que tange a atuação do enfermeiro durante o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil, as consultas de puericultura fazem parte do escopo

das ações programáticas devendo, portanto, estarem presentes na agenda dos profissionais enfermeiros. Esta estratégia consiste na promoção do crescimento e desenvolvimento infantil saudável por meio do acompanhamento programado, uma vez que se torna viável detectar fatores de risco, adoecimento, atrasos e/ou deficiências de maneira precoce (Santos et. al, 2021).

Neste viés, a Caderneta da Criança configura-se como um importante instrumento para nortear o atendimento às crianças, além de ser uma fonte confiável de informações acerca das características e dos cuidados necessários em cada fase do desenvolvimento infantil. Considerando o aumento do número de casos novos de autismo a cada ano, a caderneta da criança, na sua 5ª edição, trouxe o Checklist Modificado para Autismo em Crianças Pequenas (M-CHAT-R/F) como estratégia de rastreio (Brasil, 2022). Contudo, destaca-se que esta não é a única escala existente para o rastreio, e que os estados e municípios possuem autonomia para adotar a própria linha de cuidado que auxilie os profissionais na detecção precoce (Soeltl, Fernandes & Camillo, 2021; Ferreira & Theis, 2021).

Entretanto, apesar da implementação de ferramentas que auxiliem na detecção de sinais precoces de TEA, os resultados encontrados neste estudo revelam a dificuldade enfrentada pelos profissionais ao se depararem com pessoas com TEA nas UBS e como isso interfere na qualidade da assistência. Coadunado a isto, são visíveis as barreiras que comprometem a eficácia, capacidade e habilidade desses profissionais ao prestar assistência a um público tão específico. Dentre essas barreiras pode-se destacar o déficit na qualificação dos profissionais de saúde no que tange às pessoas com TEA (Magalhães et al., 2020).

Nesse sentido, o sujeito coletivo reconhece a necessidade de maiores investimentos na preparação profissional na APS, sobretudo porque, quando analisado o quantitativo de enfermeiros que teve aproximação com a temática em capacitações, a maioria relatou não ter tido nenhum tipo de treinamento específico. De fato, é preocupante a falta de capacitação para orientar os enfermeiros na condução do cuidado adequado às crianças com desenvolvimento atípico no SUS, situação que interfere na condução da assistência e na continuidade do cuidado ao paciente com TEA (Costa et al., 2023).

Considerando que os enfermeiros entrevistados reconhecem que possuem certa dificuldade para lidar com o paciente com TEA, somado à falta de suporte e desconhecimento das ferramentas de rastreio, é de extrema necessidade que sejam ofertadas capacitações e incentivo dos órgãos competentes para que os enfermeiros consigam realizar uma assistência eficaz e centrada no paciente com TEA. Neste sentido, o conhecimento e a experiência são

fundamentais para fortalecer a rede de apoio, tendo em vista que a aproximação com a temática facilita a elaboração de planos terapêuticos individualizados, garantindo a qualidade do atendimento (Costa et al., 2023).

Destarte, cabe ressaltar a importância da educação continuada do enfermeiro da APS, destacando-se a necessidade de que este busque rastrear e acompanhar ativamente o paciente com TEA em seu território, uma vez que, para além do papel desempenhado por esses profissionais dentro das unidades básicas, a APS configura-se como o lugar onde se estabelecem os elos primários de comunicação entre os usuários e os serviços de saúde especializados (Brasil, 2021).

Outrossim, percebido na IC “formação e qualificação de enfermeiros para o atendimento ao paciente com TEA” a abordagem, pelo sujeito coletivo, de uma escala não mencionada anteriormente, que o fez reconhecer estar mais preparado para o atendimento. No entanto, ainda relata a necessidade de mais encontros formativos, uma vez que esta se trata de uma temática específica que não fez parte da grade curricular durante a formação no curso de enfermagem.

Assim, faz-se necessário pontuar também a importância das Instituições de Ensino Superior discutirem a reorientação da formação de acordo com a necessidade da população, considerando sobretudo a epidemiologia como norteadora do planejamento, bem como as políticas de atenção à saúde vigentes no país. Para além disso, é importante ressaltar a necessidade de retomar as discussões acerca da reformulação das Diretrizes Curriculares Nacionais que regem o ensino nos cursos de Enfermagem, visto que a última DCN foi aprovada em 2001 (Brasil, 2001; Rodrigues, Reis, Machineski & Conterno, 2023)

Destaca-se a relevância do fortalecimento das iniciativas de Educação Permanente em Saúde (EPS) para responder às lacunas que foram identificadas pelo sujeito coletivo. Assim, ações direcionadas para a formação de enfermeiros na assistência às crianças com TEA configuram-se como alternativa relevante para a efetividade dos objetivos da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS), os quais versam a transformação, qualificação da atenção à saúde, processos formativos e de trabalho em saúde, fortalecendo, assim, as práticas na APS (Ferreira, Barbosa, Esposti & Cruz, 2019; Ferreira, Theis, 2021).

O manejo das dificuldades, atrasos e estereotípias do TEA pode ser aperfeiçoado através de estudos e atualizações rotineiras, que podem auxiliar na redução das limitações possibilitando melhor aproximação ao paciente, acolhendo-o com suas necessidades e melhorando a qualidade do atendimento (Jerônimo, 2023). Assim, considerando a

importância dos estudos para aperfeiçoar o atendimento dispensado, é fundamental que os profissionais da APS tenham acesso a qualificações oportunas para melhorar as práticas na APS no que concerne ao atendimento do paciente com TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo envolveu profissionais que possuíam tempo de formação distintos, sendo que mais da metade dos enfermeiros possuíam mais de 10 anos de formado, enquanto uma parcela menor possuía entre 3 e 5 anos. Este fato expõe uma margem de diferença de tempo significativa, mas que em ambas as situações os entrevistados relataram não ter tido contato com a temática durante a graduação, denunciando um atraso das grades curriculares do curso de Enfermagem. Isto se dá porque a diversidade ainda é considerada, uma barreira para a qualidade do serviço prestado, uma vez que os profissionais esbarram no despreparo, oriundo da falta de conhecimento acerca desta temática cuja prevalência se faz relevante, sobretudo nas últimas décadas.

Diante disto, os enfermeiros apresentaram-se limitados para ofertar uma assistência para o paciente com TEA a fim de prezar pelo cuidado humanizado, integral e holístico. Portanto, faz-se necessária uma intervenção mais enérgica a nível de gestão, para que haja a garantia de qualificação do enfermeiro, a fim de apresentá-lo às diferentes possibilidades de abordagem, rastreio e acompanhamento, tendo em vista o aumento significativo do aparecimento dos pacientes com TEA na APS.

Por fim, destaca-se que as limitações deste estudo concerne à dificuldade de encontrar trabalhos na literatura que abordem a magnitude da temática ao mesmo passo em que a aceitação dos profissionais da APS para contribuir com a pesquisa foi um desafio nos dois municípios em estudo devido, sobretudo, à demanda cotidiana do serviço.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. L. & Neves, A. S. (2020). A Popularização Diagnóstica do Autismo: Uma Falsa Epidemia? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, e180896.
- Brasil. (2021). Saúde realiza live para discutir políticas públicas e iniciativas para o atendimento de crianças com autismo.
- Brasil. (2022). Caderneta da Criança: Menino – Passaporte da cidadania. 5ª edição. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde (MS). (2015). Portaria nº 1.130, de 5 de agosto de 2015. Institui a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC) no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). *Diário Oficial da União*.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2012). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: crescimento e desenvolvimento. *Cadernos de Atenção Básica*, no 33.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2017). Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). *Diário Oficial da União*.
- Brasil. (2001). Resolução CNE/CES no 3 de novembro de 2001. *Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação*.
- Cabral, C. S., Falcke, D. & Marin, A. H. (2021). Relação família-escola-criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de pais e professoras. *Revista brasileira de educação especial*, 27, e0156.
- Campos, T. F. ., Braga, R. G. N. ., Moura, L. N. ., Queiroz, E. R. B. de ., Guedes, T. A. L. & Almeida, L. H. A. (2021). Analysis of the importance of the qualification of health professionals for the management of Autistic Spectrum Disorder (ASD). *Research, Society and Development*, 10(6).
- COFEN. Enfermagem melhora qualidade de vida dos pacientes autistas. (2023). Cofen – Conselho Federal de Enfermagem.
- Costa, B. D. O. C., Oliveira, F. P. B., Cordeiro, G. F. T., de Almeida, É. B., Silva, A. D. & Peters, A. A. (2023). Transtorno do espectro autista na Atenção Primária à Saúde: desafios para assistência multidisciplinar. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)*, 19(1), 13-21.
- Costa, B. L. D., Costa, K. H. M. D., Sousa, L. A. D. & Jurema, H. C. (2022). Atuação do enfermeiro frente ao planejamento, capacitação e assistência na atenção primária à saúde. Em E. Científica Digital (Org.), *Open Science Research VIII* (1º ed, p. 252–258). Editora Científica Digital.

- Ferreira, J. H. A., Amorim, D. S. C., Alves, M. A. F., Oliveira, A. P., Souza, R. P, Torres S. S. & Silva, D. M. (2023). Atuação do enfermeiro frente ao cuidado do paciente com transtorno do espectro autista (tea) na atenção primária: uma revisão de literatura. *Revista ft*, ed. 120.
- Ferreira, L., Barbosa, J. S. de A., Esposti, C. D. D. & Cruz, M. M. (2019). Educação Permanente em Saúde na atenção primária: uma revisão integrativa da literatura. *Saúde Em Debate*, 43(120), 223–239.
- Ferreira, T. L. R. & Theis, L. C. (2021). Atuação do profissional enfermeiro na assistência às crianças com transtorno do espectro autista. *Revista Saúde e Desenvolvimento*, 15(22), 85-98.
- Jerônimo, T. G. Z., Mazzaia, M. C., Viana, J. M. & Chistofolini, D. M. (2023). Assistência do enfermeiro (a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. *Acta Paul Enferm*, 36.
- Ferreira Júnior, A.R., Abrantes Neto, A., Alves, M. R., Rodrigues, A.B.M., de Oliveira, V.M., Nunes, R. & Rodrigues, D.A. (2023). Interface entre a enfermagem e a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 16(7), 7535-7544.
- Lefèvre, A. M. C., Lefevre, F., Cardoso, M. R. L. & Mazza, M. M. P. R. (2002). Assistência pública à saúde no Brasil: estudo de seis ancoragens. *Saúde e sociedade*, 11, 35-47.
- Lefevre, F. & Lefevre, A. M. C. (2014). Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 23, 502-507.
- Magalhães, J. M., Lima, F. S. V., Silva, F. R. D. O., Rodrigues, A. B. M. & Gomes, A. V. (2020). Asistencia de enfermería al niño autista: revisión integrativa. *Enfermería Global*, 19(58), 531-559.
- Minayo, M. C. D. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & saúde coletiva*, 17, 621-626.
- Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F. & Gomes, R. (2011). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada.
- Ney, T. & Hübner, L. (2022). Linguagem oral e escrita no Transtorno do Espectro do Autismo—TEA: perspectivas teóricas e pedagógicas. *São Paulo*, 43.
- OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. (2018) Transtorno do espectro autista - OPAS/OMS. *Folheto informativo*.
- Ribeiro, T. C. (2022). Epidemiologia do transtorno do espectro do autismo: rastreamento e prevalência na população. Doctoral Thesis, *Faculdade de Medicina, University of São Paulo, São Paulo*.
- Rodrigues, R. M. ., Reis, A. C. E. dos ., Machineski, G. G. & Conterno, S. de F. R. . (2023). Formação na graduação em enfermagem: a percepção de acadêmicos acerca das aulas práticas. *Educere Et Educare*, 18(45), 236–256.236–256, 2023.

Santos, N. I. M., Souza, M. F., Neta, J. M. P., Neto, V. B., Verissimo, A. V. R. & Monteiro, E. M. L. M. (2021). Vivências de enfermeiros na consulta de puericultura: percepção sobre os sinais de risco/atraso para o desenvolvimento infantil. *Revista Uruguaya de Enfermería*, 16(1).

Soeltl, S. B., Fernandes, I. C. & Camillo, S. D. O. (2021). The knowledge of the nursing team about autistic disorders in children in the light of the human caring theory. *ABCS Health Sciences*.